



Tema central: Esportes na Idade Mídia - diversão, informação e educação

Cultura Popular em tempos de compartilhamentos e interações¹

José Marcio Barros²

Resumo

Pensar a realidade das culturas populares na atualidade demanda uma cuidadosa reflexão, para além da diversidade de formas de agenciamento simbólico e suas formas de diálogo com o tempo e o espaço. O desafio parece ser o de buscar compreender as trocas e os diálogos interculturais, motivados pelas interações midiáticas cada vez mais centrais na experiência cultural contemporânea. Cada vez mais, interações midiáticas e mobilidades simbólicas, embaralham e misturam aquilo que antes existia em separado. Essa comunicação busca problematizar tais questões a partir de uma discussão conceitual preliminar.

Palavras Chave: Cultura popular; Diversidade cultural; comunicação; interações.

I – Diversidade Cultural³

No contexto das contribuições antropológicas e dos novos arranjos políticos, é possível afirmar um avanço nas perspectivas de se pensar as diferenças culturais que, gradativamente deixam de expressar os limites de algumas e a superioridade de outras culturas, para representar a diversidade de práticas, percepções e concepções que formam diferentes cosmologias, ou seja, diferentes formas de explicar as origens, as transformações e os sentidos tanto do universo, quanto do próprio ser humano.

Assim, a cultura se transforma num processo permanente de organização, interação

¹ Trabalho submetido ao GP Folkcomunicação do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza – CE – 2012

² Professor do PPg em Comunicação da PUC Minas e da Escola Guignard/UEMG. Coordenador do Observatório da Diversidade Cultural. josemarciobarros@gmail.com

³ Este texto é um desdobramento do trabalho desenvolvido para o Catálogo das Culturas Populares da Secretaria de Estado da Cultura da Bahia em 2011.

e troca de representações e práticas, no interior e entre sistemas culturais locais, regionais e mundiais que se interpenetram, criando emaranhados simbólicos.

Na atualidade, a análise da cultura encontra um novo cenário, um mundo de complexidade e de diversificação de sistemas simbólicos e de representação, que coexistem cada vez mais em situação de contato, num processo contínuo de contaminação mútua de suas especificidades, motivados, em grande parte pelas interações midiáticas. Vivemos um grande desafio para compreender as tensões e as contradições entre realidades locais e realidades globais, entre as homogeneidades e as heterogeneidades. Os processos de construção de identidades individuais e coletivas e as relações entre as tradições e as rupturas numa sociedade, revelam os enfrentamentos e as tensões entre diferentes modelos culturais que co-existem nas mesmas realidades territoriais.

Aqui, as diferenças demandam ser pensadas não apenas como expressão de particularidades que devem ser mantidas intactas, transformando-se em singularidades que dialogam e se misturam. Entretanto, o que pode garantir que tais diferenças possam gerar diversidade, deve ser buscado na capacidade de ativar interações, tendo como base as trocas entre o singular de cada grupo e sociedade e a construção da universalidade. Tal possibilidade permite que se vá além da postura multiculturalista, entendida como o direito de ser diferente, na direção do pluralismo cultural e comunicacional, ou seja, o compromisso com um modelo que garanta interações entre as diferenças e que transforme a diversidade em projeto político de equidade, cooperação e desenvolvimento.

No Brasil, nos últimos 8 anos, a política federal de cultura adotou, de forma mais efetiva que a política federal de comunicação, uma perspectiva conceitual ampliada ancorada numa tríplice e simultânea dimensão - simbólica, cidadã e econômica. A dimensão simbólica da cultura nos remete aos modos de fazer, pensar e agir, portanto revela nossas identidades. A dimensão cidadã refere-se à idéia da cultura como direito e, portanto, campo para o exercício da cidadania. Na dimensão econômica reconhecemos a cultura como geradora de riquezas e provedora de modelos de desenvolvimento.

Pensar o campo das políticas culturais sob o prisma desta visão ampliada da cultura significa enfrentar o desafio de se pensar como as diferenças podem deixar de ser tratadas como realidades que justificam, e em certos casos, legitimam, desigualdades e dominações, transformando-se no elemento central de nosso capital social.

A compreensão da diversidade cultural e sua relação com questões como as culturas populares, as identidades e tradições e o desenvolvimento de comunidades vêm exigindo

cada vez mais, e especialmente entre aqueles protagonistas de projetos e iniciativas culturais e comunicacionais emancipatórias, um grande esforço reflexivo para fazer avançar as políticas públicas de cultura e comunicação. Este avanço depende da capacidade de superar posturas protecionistas conservadoras, que defendem regimes de exceção cultural.

O mais efetivo, especialmente no que se refere às expressões populares e tradicionais, é a capacidade de se conjugar os dois verbos, proteger e promover a diversidade cultural. Uma forma de realizar essa operação está ligada à capacidade de se articular, de forma mais dinâmica, a cultura, pensada em suas dimensões simbólica, cidadã e econômica com a questão das políticas públicas, a comunicação e o desenvolvimento. Trata-se de compreender que proteção sem promoção da diversidade cultural, acaba se transformando na adoção de medidas restritivas que condenam cada cultura a ela própria. A diversidade cultural deve ser tratada como bem mas também como recurso., como afirma um dos últimos documentos da UNESCO.⁴ O desafio parece ser o de se implementar medidas políticas e econômicas que evitem a transformação das trocas culturais em processos de mão única, que reforçam a concentração cultural e submetem a cultura à lógica exclusiva do mercado comunicacional globalizado.

Como então pensar os adjetivos identitário, popular e tradicional, colocados junto ao substantivo cultura e associados à questão das comunidades, sob a ótica da diversidade?

II A cultura popular

Os debates sobre a cultura popular no Brasil apontam para a necessidade de se ter clareza sobre o que designamos por meio deste conceito, de forma a evitar polarizações que ora a pensam como folclore, ora a definem como resíduo da cultura erudita e ora apontam como resistência à dominação. Na primeira perspectiva, a cultura popular é traduzida exclusivamente como um conjunto de tradições coletivas e anônimas permanentemente ligadas ao passado. Quando pensada em contraponto às manifestações eruditas, é sempre definida como ingênua e desprovida de saber e conhecimento. Quando associada à idéia de resistência política, transforma-se em construção ideológica que se utiliza do simbólico popular. Em todas essas visões o grande problema, como revelou Arantes Neto (1981), é a manipulação política e populista que dela se faz, em função de ser sempre objeto de uma

⁴ Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural, UNESCO, 2010, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>

tradução das elites da sociedade e não um modo próprio de afirmar-se.

Há 20 anos atrás, Marilena Chauí agrupou as abordagens sobre a cultura popular em dois grandes pólos. O primeiro, expressa uma perspectiva romântica que traduz o popular como puro e autêntico, uma cultura sem “contaminação e sem contato com a cultura oficial e suscetível de ser resgatada por um Estado novo e por uma Nação nova.” (CHAUÍ, 1989, p.23). O segundo pólo, habitado pela abordagem ilustrada, “vê a cultura como resíduo morto, como museu e arquivo, como o "tradicional" que será desfeito pela "modernidade", sem interferir no próprio processo de "modernização". (ibidem)

Para a autora, tanto os românticos quanto os ilustrados pecam por considerar a cultura popular como algo fechado sobre si próprio. Quando transformada em representação genuína da nação, a cultura popular adquire o sentido de uma totalidade orgânica, o que impede de se reconhecer e compreender suas dinâmicas, contradições e transformações. Quando expressão residual de outras culturas, a cultura popular é reduzida a um repertório de fragmentos na forma de eventos e produtos. Tanto numa quanto noutra, a cultura popular é aprisionada ao passado, reduzida a uma lista de expressões, que só adquire valor se expressão da tradição.

Alguns pesquisadores, como a falecida antropóloga Ruth Cardoso, apontaram para os cuidados necessários com os processos políticos e simbólicos de transformação da cultura popular em expressão genuína de territorialidades nacionais e locais. Em primeiro lugar, esta noção pode nos remeter à idéia de cultura popular como uma realidade protegida de influências cosmopolitas e de trocas, além de configurando-a como expressão coincidente aos seus limites espaciais, uma espécie de cultura da comunidade. Para CARDOSO (s/d) sobrepor características culturais a fronteiras espaciais, sejam elas nacionais, regionais ou locais, é sempre uma operação delicada, possível apenas em sociedades isoladas e marcadas pela homogeneidade, caso em que se pode pensar em culturas próprias e não diferenciadas internamente..

Mas o que mobiliza até hoje a importância dada à Cultura Popular como expressão de uma identidade genuína e comunitária? Ainda usando das idéias da antropóloga Ruth Cardoso e agregando a elas as de Jesús Martin Barbero, a atenção dada à cultura popular se constitui, via de regra, em uma espécie de invocação que legitima o poder das elites e obscurece a realidade de exclusão. Há aqui uma sutil operação: ao afirmar a existência da cultura popular e ao circunscrevê-la a territórios, consolida-se uma espécie de negação.

Mas a que se refere o termo cultura popular?

De acordo com Teixeira Coelho (1997) para além das polaridades já comentadas

“entendimentos intermediários buscam apresentar a cultura popular como um conjunto heterogêneo de práticas que se dão no interior de um sistema cultural maior e que se revelam, como expressão dos dominados, sob diferentes formas evidenciadoras dos processos pelos quais a cultura dominante é vivida, interiorizada, reproduzida e eventualmente transformada ou simplesmente negada. (p.120)”

Nesta perspectiva, a cultura popular não poderia ser pensada nem como realidade autônoma e nem como parte dependente de outros modelos culturais no interior de uma sociedade, mas como uma das formas de representação e expressão simbólica que se materializa em práticas religiosas, lúdicas, artísticas e artesanais, que ora emergem de contextos e áreas simbólicas marcadas pela tradição ora expressam respostas a experiências de “sentenciamento da história - subjugação, dominação, diáspora, deslocamento” (BAHBHA,1998), ora são o resultado de trocas mais dinâmicas e atuais.

Tradicional ou contemporânea, massivamente compartilhada ou resultado de trocas restritas, consolidada em produtos e bens materiais ou expressão imaterial de subjetividades singulares, a cultura popular é melhor compreendida quando referida ao seu plural, culturas populares, ou seja, a realidades marcadas pelas diferenças que, podem revelar modelos de continuidade, ruptura e atualização do vivido transformado em referências, memória e identidades.

Há, portanto, uma necessidade de se compreender o que há de novo nesse chamamento atual à centralidade e importância da cultura popular, de forma a se compreender se estamos diante apenas de uma renovação do discurso tradicional sobre a nação, ou se esse processo expressa uma nova sociedade civil e por consequência um novo Estado.

São claras as evidências de que o Brasil se encontra num outro momento histórico onde a cultura assumiu uma dimensão importante no projeto político de desenvolvimento e de construção da cidadania. Isso trouxe ao centro das políticas públicas, sujeitos, expressões e modelos culturais antes invisíveis ou objeto apenas de manipulação ideológica. Este novo lugar da cultura no projeto político da nação transcende os usos meramente retóricos e ideológicos da diversidade cultural, configurando-se conforme sugere RUBIN (2007) em sua análise sobre a cultura no Governo Lula, como resultado:

- de um papel ativo assumido pelo Estado;

- de uma perspectiva abrangente no que se refere ao tratamento da cultura tomada num sentido antropológico e abrangendo um amplo escopo para além do erudito, que institui novas fronteiras e fluxos: populares; afro-brasileiras; indígenas; de gênero; de orientações sexuais; das periferias; da mídia áudio-visual; das redes informáticas etc;
- do desafio de formular e implementar democraticamente as políticas culturais, o que significa uma centralidade na participação da sociedade civil;
- do aumento dos orçamentos públicos para a cultura;
- e da busca da institucionalidade das políticas culturais por meio do debate e criação de sistemas e planos de cultura.

Há também, algo de novo no que se refere ao campo específico da cultura popular.

...está em curso na sociedade brasileira, um processo de fortalecimento de determinadas formas culturais e manifestações populares que até um período recente de nossa história praticamente agonizavam, correndo o risco do total desaparecimento. Tais expressões culturais experimentam hoje uma revitalização, um reconhecimento e uma revalorização notáveis – por parte de setores cada vez mais amplos da sociedade, incluindo a mídia – deixando perplexos até mesmo aqueles incansáveis defensores da preservação de nossas tradições populares, que talvez não fossem capazes de imaginar, nem os mais otimistas, que esse passado moribundo pudesse fazer-se vigorar com tanta força no presente. (ABIB, 2007:2)

Essa renovada presença da cultura popular na esfera pública joga por terra as previsões pessimistas de um ocaso das tradições, processo que não se efetivou na passagem dos séculos XX para o XXI da forma como críticos e pesquisadores apontavam. Revela ainda que os chamados processos contemporâneos de globalização complexos e paradoxais, renovaram a importância do local e, por extensão, do tradicional e do popular. Esta renovação além de inaugurar um novo mercado de bens culturais que tanto produz o homogêneo quanto valoriza o singular e específico, aponta para um novo processo político de enfrentamentos entre diferentes atores sociais e seus sistemas de representação. (MELO, 2006).

Ainda segundo o professor ABIB (2007:3)

Contraditoriamente ao processo de homogeneização cultural levado à cabo na sociedade globalizada, percebemos a revitalização de uma gama de

manifestações tradicionais de nossa cultura, tais como a Capoeira, o Maracatu, os Reisados, as Marujadas e Cheganças, os Blocos Afro, o Bumba-meu-boi, a Congada e o Moçambique, o Frevo e a Ciranda, a Quixabeira, o Samba de Viola e o Samba-Lenço, a Catira, o Tambor de Crioula e o Tambor de Mina, a Dança do Lelê, o Chorinho, o Côco e a Embolada, a Burrinha, o Cacuriá, a Dança de São Gonçalo, os Blocos de Marcha-Rancho, o Boi-de-Mamão, o Samba-Chula e o Jongô que são apenas alguns exemplos de uma grande quantidade de ritmos e manifestações que têm, notadamente, ocupado espaços importantes não só nas festas tradicionais determinadas pelos calendários de cada comunidade de onde sempre fizeram parte, mas sobretudo através das aparições em programas de televisão, apresentações de cunho turístico, shows para grandes públicos, vídeodocumentários, gravações em CD, reportagens em revistas e jornais, ou ainda como referência para artistas plásticos, escritores, cineastas, grupos de teatro, dança ou de música, responsáveis por importantes e interessantes movimentos culturais (o movimento *Mangue-Beat* no Recife, ou o movimento *Samba-Raiç* no Rio e em S.Paulo, por exemplo) que têm buscado nas raízes da nossa cultura, o substrato de sua arte, a partir de uma re-leitura atualizada de tais manifestações e ritmos.

Os usos conservadores e populistas da cultura popular que a qualificam de antemão, perdem a dinâmica real da sociedade, são insensíveis às ambiguidades das linguagens simbólicas e costumam trabalhar com uma visão simplista da relação entre a estrutura sócio-econômica e a cultura. (CARDOSO, sd),

A nova perspectiva que aqui identificamos é o resultado de um novo desenho político e cultural da sociedade brasileira, onde a presença dos atores individuais e sociais das culturas populares como protagonistas e sujeitos políticos inauguram a superação das práticas conservadoras até então dominantes. Entretanto, tal protagonismo parece, ao realizar a crítica ao passado de discriminação e exclusão, inaugurar também uma espécie de *multiculturalismo à brasileira*. Uma preferência pelo afirmar-se em estratégias simbólicas próprias e práticas autoreferentes. O processo de transformação da capoeira em patrimônio nacional, parece exemplificar essa questão.

Não se trata mais das maneiras como as elites se reportam e se apropriam do popular, mas das diversas maneiras como este popular se localiza simbólica e politicamente no cenário político e comunicacional brasileiro. Compreender este novo lugar do popular demanda o reconhecimento “do caráter complexo da cultura popular, e as mediações que ocorrem entre essa e o poder hegemônico: as oposições, acomodações, negociações e estratégias de resistências colocadas em prática, na elaboração e mesmo no processo de *invenção* dessas tradições populares...”. (ABIB,2007,p.9) Essa questão, entretanto, nos remete também e necessariamente ao campo das trocas e dos diálogos culturais.

O conhecimento e análise das culturas populares no mundo atual requer ir além da idéia de que países em desenvolvimento, dependentes e que se industrializam e urbanizam de forma expressiva, vivem sob o poder absoluto das ideologias das classes dominantes e de uma indústria cultural homogênea e hegemônica. Evitar posições simplificadoras que estabelecem como resultado da indústria cultural, a imposição indesejada do cosmopolitismo e o desaparecimento de formas culturais populares e tradicionais, torna-se perspectiva importante. Tão importante quanto reconhecer o outro lado desse processo, que se configura como um processo de construção de novos discursos e auto-narrativas que, por vezes, reinauguram, sobre outra perspectiva certo neo-conservadorismo.

Para além da face coercitiva e homogeneizante do mercado cultural, a sociedade brasileira contemporânea se mostra complexa, decorrência dos vários lugares simbólicos e políticos a partir dos quais expressamos nossas singularidades e dialogamos sobre nossas diferenças. Entretanto, dada a concentração dos meios massivos de comunicação e o uso ainda pouco criativo e transformador das redes sociais, o campo das culturas populares produz um quadro contraditório de tradicionalismos e transformações. Aqui a questão das identidades se apresentam.

Os estudos mais atuais sugerem que a identidade longe de revelar uma "essência irreduzível", se consolida como um fluxo sujeito a negociações e rigidez variáveis de acordo com o contexto interativo. Mais do que uma herança de agentes sociais particulares, a identidade se constitui, neste contexto de sociedades contemporâneas, num "fenômeno de disseminação", imerso num processo de reconstrução contínua, desafiando a compreensão em suas múltiplas migrações e dispersões.

O que é fundamental na superação de uma perspectiva essencialista e estática sobre as identidades, é a sua compreensão como expressão da organização social de um grupo ou de uma sociedade, constituindo-se como um processo de representação coletiva, resultado do próprio reconhecimento social das diferenças. Como tal, se produz, enquanto algo dinâmico e processual, nas intersecções entre os indivíduos e seus grupos e entre estes e outros grupos considerados diferentes.

Os referenciais de tempo e de espaço são centrais na experiência identitária. Utilizados para a sua construção, sua diversidade e manipulação no interior do próprio grupo social e ao processo de comunicação que estabelece com o que lhe é exterior, constitui-se como um dos grandes desafios na compreensão das identidades.

Os referenciais do tempo revelam como a identidade constrói uma espécie de continuidade

temporal designando semelhanças, definindo tradições, identificando continuidades e rupturas, tomadas como fundamentais. Nesta dimensão, como mostram Cunha (1985) e Duarte (1986B), as tradições, o passado, são sempre objeto de uma reinvenção operada pelas condições do presente: "Mais do que podermos dizer que o presente é reflexo ampliado do passado, deveríamos poder perceber que é este que se ilumina dos reflexos ativos do presente." (DUARTE:1987:38) Nesta dimensão o passado é tomado como um "ator ideológico" que é problematizado e legitimado na atualidade, tendo como referência a conceituação e a experiência de organização do tempo vivido no presente. A lembrança de um outro tempo não se constrói em dissociação com a experiência do tempo vivido no presente.

Já a dimensão da territorialidade também é tomada, juntamente com a questão temporal, como um dos elementos cruciais no engendramento da Identidade, em cujo cruzamento, a memória se exercita (SILVA,1984). O fato de se pertencer a um determinado espaço geográfico, histórico, econômico e afetivo constitui elemento importante na construção da identidade.

Nesta primeira década do século XXI um conjunto expressivo de ações, projetos e programas que apontam para um processo crescente de alargamento e institucionalização de medidas de proteção e promoção das culturas populares se tornaram realidade no Brasil. Tais avanços encontram no conjunto de projetos de leis e de emendas constitucionais em tramitação na esfera do executivo e do legislativo federal, importantes instrumentos de consolidação de novos paradigmas e novas práticas de políticas públicas no campo da cultura e de sua interface com a comunicação. A criação de dois fundos específicos, o Fundo Setorial do Acesso e Diversidade e o Fundo Setorial do Patrimônio e Memória, a institucionalização do Sistema Nacional de Cultura e do Plano Nacional de Cultura, constituem instrumentos essenciais para este processo que, para além de reposicionamento discursivo, reflete as transformações da sociedade brasileira na última década. As possibilidades são muitas, mas os desafios não podem ser minimizados. Compreender em que medida a centralidade nas culturas populares resulta efetivamente de processos que a reconhecem como campo de diálogos e trocas interculturais, ou, em que medida atualizam os modos de secundarização por meio de sua afirmação discursiva e auto referente, parece ser um dos desafios atuais.

Por outro lado, o que torna viva e operante as ferramentas de institucionalidade é o processo político de participação e gestão democrática. Este, como ensina a história, é

dinâmico, comporta retrocessos e contradições, o que desafia a todos no compromisso de continuidade no alargamento e aprimoramento do processo, de reafirmação da cultura em sua tríplice dimensão, simbólica, cidadã e econômica.

Pensar a realidade das culturas populares demanda, portanto, o cuidadoso trabalho de mapeamento não apenas da diversidade de formas de agenciamento simbólico e material no campo das atividades artísticas e artesanais, dos folguedos e demais atividades lúdicas, das práticas religiosas, da gastronomia e da saúde, mas, especialmente, a maneira como tais agenciamentos dialogam com o tempo e o espaço, revelando anterioridade e atualidade, o local e o universal. Enfim, como a compreensão da semelhança e pertencimento nos convida à compreensão da troca e do diálogo inter e intra identitário.

MORENO (s.d. p.16). citando Jean Pierre Warnier em seu livro *A Mundialização da cultura*, reconhece os processos de erosão no contato estabelecido entre as culturas populares locais e tradicionais e o que chama de “máquina da indústria cultural”. Entretanto, chama a atenção para a necessidade de se perceber o processo de reelaboração desencadeado em todos os polos do circuito cultural, de forma a se evitar um saudosismo ingênuo que afirma nas culturas populares uma pureza que deve ser preservada a todo custo.

Há, sem dúvida, um processo de revalorização das culturas populares e locais. No sentido regional e mundial, este processo parece se configurar como um contraponto ao processo de mundialização, entretanto

o processo de revitalização dessas tradições, não se constitui, conforme Otávio Ianni (1992), apenas no reavivamento de tradições e configurações pretéritas, mas como “...uma revelação de um novo todo, no qual as formações singulares adquirem outros significados” (p.32). Com o declínio da sociedade nacional e a emergência da sociedade global, modificam-se as articulações e mediações nas quais se inserem as partes e o todo, as singularidades, particularidades e universalidades. Segundo Ianni, a verdade é que, a globalização não é jamais um processo histórico-social de homogeneização, embora sempre estejam presentes forças empenhadas na busca de tal fim; ou que buscam equalizar interesses, acomodar alianças, criar e reforçar estruturas de apropriação econômica e dominação política. (ABIB,2007,p.9 e 10)

No contexto brasileiro, a revitalização das atenções às culturas populares é expressão de um conjunto de transformações que redefinem lugares sociais e sentidos políticos, cabe buscar compreender todos os seus desdobramentos, tensões e sentidos.

BIBLIOGRAFIA

ABIB, Pedro Rodolfo Jungers. Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2004. 170f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Revitalização de manifestações populares tradicionais brasileiras: Resignificação da noção de cultura popular. In: Anais do III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 23 e 24 de maio de 2007.

ARANTES NETO, Antonio Augusto, O que é cultura Popular, Coleção Primeiros Passos, SP, Brasiliense, 1981

BARROS, José Márcio. O rodar do moinho: notas sobre a antropologia e o conceito de cultura. *Cadernos de Ciências Sociais - PUC-MG*. Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 5-13, abr. 1993.

BARROS (org), José Marcio, Diversidade Cultural – da proteção à promoção, BH, Autêntica, 2008

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

BERNARD, François de, A Convenção sobre a diversidade cultural espera para ser colocada em prática! 4 tarefas prioritárias para a sociedade civil, texto apresentado em Seminário promovido pela DAC/PUC Minas, em maio de 2007

CARDOSO, Ruth, “Cultura Brasileira : uma noção ambigua”, mimeo, s/d

CHAUÍ, Marilena Conformismo e resistência – aspectos da cultura popular no Brasil, SP, Brasiliense, 1989

DURHAN, Eunice Ribeiro. A Dinâmica Cultural da Sociedade Moderna. Ensaios de Opinião, Rio de Janeiro: Ed. Inúbia Ltda, p. 33-35, 1977.

FEATHERSTONE, Mike. Sociedade e estado. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1996

LARAIA, Roque de Barros, Cultura um conceito antropológico, Rio, Jorge Zahar, 2001

Melo, Ricardo Moreno de. Tambor de machadinha: devir e descontinuidade de uma tradição musical em Quissamã, Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Música, 2006.

RIBEIRO, Gustavo Lins "Bichos-de-obra - fragmentação e reconstrução de identidades no sistema mundial". Trabalho apresentado no XVI Encontro Anual da ANOPCS, Caxambu, 1990

RODRIGUES, José Carlos. Antropologia e Comunicação: Princípios Radicais. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo., 1989

RUBIM, Antonio Albino Canelas, Políticas Culturais no Brasil: trajetória e contemporaneidade, Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

SECULT BA, Catálogo das culturas populares, 2010, disponível em http://www.cultura.ba.gov.br/wp-content/uploads/2010/catalogo_cultura2010.pdf, acessado em 19 de junho de 2012

SOARES, Luiz Eduardo - Os impasses da teoria da cultura e a precariedade da ordem social. Cadernos IFCH-Unicamp, 1984

UNESCO, Convenção para a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais adotada pela Conferência Geral da UNESCO em sua 33ª sessão, 2005.

VELHO, Gilberto & VIVEIROS de CASTRO, Eduardo - O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas. 1977, in: Artefato, ano 1, nº 1.

WARNIER, Jean Pierre. *A mundialização da cultura*. Bauru: Edusc, 2000